

1

Sempre que penso na minha mãe, vejo-a deitada numa grande cama de casal, a sua perfeita quietude enchendo o quarto. Durante meses sem fim, ela colonizou aquela cama como um vírus, a primeira vez quando eu era criança e de novo quando era aluna de doutoramento. Da primeira vez, fui enviada para o Gana, até que ela ficasse melhor. Enquanto lá estava, certo dia, estava eu a atravessar o mercado de Kejetia com a minha tia, quando ela me agarrou no braço e apontou. “Olha, um louco”, disse ela em twi. “Consegues ver? Um louco.”

Senti-me envergonhada. A minha tia falou em voz alta e o homem, alto e com rastas entranhadas de pó, estava suficientemente próximo para ter ouvido. “Estou a ver. Estou a ver”, respondi num débil sussurro. O homem passou por nós, a resmungar sozinho, enquanto agitava as mãos em gestos que só ele podia compreender. A minha tia fez que sim com a cabeça, satisfeita, e recomeçámos a caminhar pelo meio das hordas de gente que enchiam aquele mercado indutor de agorafobia, até chegarmos à banca onde iríamos passar o resto da manhã a tentar vender carteiras de contrafação. Nos três meses que lá passei, vendemos apenas quatro.

Mesmo agora, não compreendo inteiramente porque é que a minha tia me apontou aquele homem. Talvez pensasse que não havia loucos na América, que eu nunca tinha visto nenhum. Ou talvez estivesse a pensar na minha mãe, na verdadeira razão de eu estar presa no Gana naquele verão, a transpirar numa banca com uma tia que eu mal conhecia, enquanto a minha mãe se restabelecia em casa,

no Alabama. Eu tinha onze anos e podia ver que a minha mãe não estava doente, não das maneiras que eu conhecia. Não compreendia, mas ao mesmo tempo compreendia. E o embaraço que senti diante do comportamento espalhafatoso da minha tia tinha tanto que ver com o facto de eu compreender como com o homem que tinha passado por nós. A minha tia estava a dizer: “*Aquele*. Aquele é o aspeto que a loucura tem.” Mas, em vez disso, o que ouvi foi o nome da minha mãe. O que vi foi o rosto dela, imóvel como a água de um lago, a mão do pastor suavemente pousada na sua testa, a oração dele como um leve zunido que fazia o quarto zumbir. Não sei se sei qual é o aspeto da loucura, mas ainda hoje, quando ouço a palavra, imagino um ecrã dividido, de um lado o homem das rastas em Kejetia, do outro a minha mãe deitada na cama. Penso em como absolutamente ninguém reagiu à presença daquele homem no mercado, nem com medo nem com aversão, nada, exceto a minha tia, que queria que eu olhasse. Ele estava, pareceu-me, perfeitamente em paz, mesmo a gesticular desvairadamente, mesmo a falar sozinho.

Mas a minha mãe, infinitamente imóvel na sua cama, estava desvairada por dentro.

2

Da segunda vez, recebi uma chamada enquanto estava a trabalhar no laboratório, em Stanford. Tinha tido de separar dois dos meus ratos, porque se estavam a estraçalhar um ao outro dentro da caixa de sapatos que lhes servia de casa. Eu tinha encontrado um pedaço de carne num dos cantos, mas a princípio não consegui perceber a que rato pertencia. Estavam ambos furiosos e a sangrar, fugindo de mim quando os tentava agarrar embora não pudessem ir para lado nenhum.

“Ouve, Gifty, ela não vai à igreja há quase um mês. Tenho-lhe ligado para casa, mas não atende. Passo por lá de vez em quando para ver se ela tem comida e tudo o mais, mas acho... acho que está outra vez a acontecer.”

Eu não disse nada. Os ratos tinham-se acalmado, mas eu ainda estava abalada com o que tinha visto e preocupada com a minha investigação. Com tudo.

“Gifty?”, disse o pastor John.

“Ela devia vir para minha casa.”

Não sei ao certo como o pastor meteu a minha mãe no avião. Quando a fui buscar ao Aeroporto Internacional de São Francisco ela tinha um ar completamente ausente, o corpo mole. Imaginei o pastor John a dobrá-la como quem dobra um fato de treino, braços cruzados em X sobre o peito, pernas puxadas para cima e encostadas a eles, metendo-a depois cuidadosamente numa mala com um autocolante MANUSEAR COM CUIDADO, antes de a entregar ao assistente de bordo.

Dei-lhe um abraço tenso e ela encolheu-se ante o meu contacto. Respirei fundo. “Trouxeste alguma mala?”, perguntei.

“*Daabi*”, disse ela.

“OK, nenhuma mala. Ótimo, podemos ir já para o carro.”

A adocicada jovialidade da minha voz aborreceu-me tanto que mordi a língua para a reprimir. Senti um travo a sangue e engoli-o.

Ela seguiu-me até ao *Prius*. Noutras circunstâncias, a minha mãe ter-se-ia rido do meu carro, uma bizzarria para ela, depois de anos no Alabama entre jipes e carrinhas de caixa aberta. “Gifty, meu coração mole”, chamava-me ela às vezes. Não sei de onde conhecia a expressão, mas calculei que talvez o pastor John e os tele-evangelistas que ela gostava de ver enquanto cozinhava a usassem depreciativamente para descrever as pessoas que, como eu, tinham desertado do Alabama para viver entre os pecadores do mundo, supostamente porque o excessivo amolecimento dos nossos corações nos tornava demasiado fracos para suportar a vida entre os fortes, os escolhidos de Cristo na região da Cintura da Bíblia. Ela adorava Billy Graham, que dizia coisas como “Um verdadeiro cristão é aquele capaz de confiar aos bisbilhoteiros da terra o seu papagaio de estimação”.

Que crueldade, pensava eu em criança, dar o nosso papagaio de estimação.

O engraçado nas expressões que a minha mãe ia apanhando é que ela as empregava sempre um bocadinho mal. Eu era o *seu* coração mole, não *um* coração mole. É um escândalo *público*, não um escândalo *público*. O seu sotaque era uma mistura do sotaque sulista com o ganês. Fazia-me lembrar a minha amiga Anne, cujo cabelo era castanho, salvo em alguns dias, quando o sol lhe dava de uma certa forma e então víamo-la subitamente ruiva.

No carro, a minha mãe olhava fixamente pela janela, silenciosa como um rato de igreja. Tentei imaginar a paisagem como ela a poderia estar a ver. Quando cheguei à Califórnia, pareceu-me tudo tão bonito. Até a erva, amarelada, crestada pelo sol e pela seca aparentemente interminável, me tinha parecido algo fora deste mundo. *Isto só pode ser Marte*, pensei, pois como é que aquilo podia ser ainda a América? Recordei o verde baço das pastagens da minha infância, as pequenas colinas a que chamávamos montanhas. A vastidão desta paisagem do Oeste deslumbrava-me. Tinha vindo para a

Califórnia porque me queria perder, encontrar. Tinha lido *Walden* na faculdade porque um rapaz que eu achava lindo o achara lindo. Não percebi nada mas sublinhei tudo, incluindo isto: *Só quando nos perdemos, por outras palavras, só quando perdemos o mundo, é que começamos a encontrar-nos, e compreendemos onde estamos e a extensão infinita das nossas relações.*

Se a minha mãe também estava comovida com a paisagem, eu não notava. Avançávamos pelo trânsito aos arrancos e eu vi o homem do carro ao lado a olhar. Desviou rapidamente os olhos, tornou a olhar, e desviou de novo o olhar. Eu quis provocar-lhe desconforto, ou talvez apenas transferir para ele o meu próprio desconforto, por isso, continuei a fitá-lo. Via pela maneira como agarrava o volante que evitava voltar a olhar para mim. Os nós dos seus dedos estavam brancos, orlados de vermelho, as veias salientes. Desistiu, lançou-me um olhar exasperado, articulou um: “Que foi?” Sempre achei que o trânsito numa ponte leva toda a gente até à borda do seu abismo pessoal. Dentro de cada carro, o instantâneo de um ponto de rutura, condutores a olharem para a água e a pensarem: *E se? Haverá outra saída?* Acelerámos de novo. Na escaramuça do trânsito, o homem parecia tão próximo que quase o podia tocar. Que faria ele se me pudesse tocar? Se não tivesse de conter toda aquela raiva dentro do seu *Honda Accord*, que faria com ela?

“Tens fome?”, perguntei à minha mãe, virando por fim a cara.

Ela encolheu os ombros, continuando a olhar pela janela. Da última vez que aquilo acontecera, ela tinha emagrecido trinta quilos em dois meses. Quando regresssei do meu verão no Gana, mal a reconheci, a esta mulher que sempre considerara repulsivas as pessoas magras, como se uma espécie de preguiça ou defeito de carácter as impedisse de apreciar o puro prazer de uma boa refeição. Depois ingressou nas fileiras dos magros. As suas faces encovaram-se; a sua barriga esvaziou-se. Tornou-se oca, desapareceu.

Eu estava decidida a impedir que isso se repetisse. Tinha comprado *online* um livro de receitas ganesas para compensar os anos passados a evitar a cozinha da minha mãe, e, nos dias anteriores à sua chegada, tinha feito alguns dos pratos, esperando aperfeiçoá-los antes de a ver. Comprara uma fritadeira, embora a minha remuneração de doutoranda me deixasse pouca margem para extravagân-

cias como *bofrot* e banana-pão. Os fritos eram a comida preferida da minha mãe. A mãe dela havia vendido fritos num carrinho à beira da estrada, em Kumasi. A minha avó, de etnia fanti, era de Abandze, uma povoação costeira, e era conhecida por desprezar os ashanti, tanto que se recusava a falar twi, mesmo depois de vinte anos a viver na capital ashanti. Quem lhe comprasse comida, tinha de ouvir a sua língua.

“Chegámos”, disse eu, apressando-me a ajudar a minha mãe a sair do carro. Ela seguiu à minha frente, embora nunca tivesse estado neste apartamento. Só duas ou três vezes me tinha vindo visitar à Califórnia.

“Desculpa a desarrumação”, disse-lhe, mas não havia desarrumação nenhuma. Pelo menos aos meus olhos, mas os meus olhos não eram os dela. Sempre que me vinha visitar ao longo de anos, ela costumava passar o dedo por coisas que nunca me ocorreu limpar, a face exterior dos estores, as dobradiças das portas, e depois mostrava-mo acusadoramente, preto de pó, e tudo o que eu podia fazer era encolher os ombros.

“Limpeza é pureza”, costumava ela dizer.

“Limpeza *traz* pureza”, corrigia-a eu, e ela lançava-me um olhar carrancudo. Qual era a diferença?

Indiquei-lhe o quarto e ela, sem dizer nada, meteu-se na cama e adormeceu.